

JÚRI DA SELECÇÃO OFICIAL



António Damásio

António Damásio é um dos nomes mais relevantes da neurociência mundial. A sua pesquisa ajudou a compreender a base neurológica das emoções assim como a demonstrar a importância das sensações na cognição e tomada de decisões. O seu trabalho, desenvolvido sobretudo em parceria com a mulher, Hanna, é essencial para a compreensão do sistema nervoso e da sua relação com a memória, a linguagem, a criatividade, a comunicação e a consciência. É professor na University of Southern Califórnia onde também dirige o Instituto do Cérebro e da Criatividade. Recebeu várias distinções, entre as quais o Prémio Pessoa em 1992 (em conjunto com a mulher) e o Prémio Príncipe das Astúrias de Investigação Científica e Técnica. É membro do Institute of Medicine of the National Academy of Sciences dos EUA e da American Academy of Arts and Sciences. Em 2010, foi distinguido com o Honda Prize, um dos mais importantes prémios científicos. É autor de quatro livros aclamados pelo público e pela crítica: *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano* (1995), *O Sentimento de Si: o Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência* (2000), *Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir* (2003) e *O Livro da Consciência* (2010). Actualmente, estuda a relação entre a neurociência e as artes, especialmente a música e o cinema, e mantém a investigação no ramo da sciência – a capacidade de sentir.



Hanna Damásio

Neurocientista, especialista na anatomia cerebral, é autora de *Lesion Analysis in Neuropsychology*, utilizado mundialmente no estudo de imagens cerebrais, e do aclamado *Human Brain Anatomy in Computerized Images*, o primeiro atlas do cérebro organizado de acordo com imagens computadorizadas. Nasceu em Portugal e fez a licenciatura na Faculdade de Medicina de Lisboa. Iniciou o estudo em neurociência cognitiva em Boston, seguindo depois para Londres para estudar patologia e tratamento de enxaquecas. É directora do Dana and David Dornsife Imaging Center da University of South Califórnia. Aí, dedica-se ao estudo da neurobiologia da mente e do comportamento desta, na saúde e na doença, com recurso a imagens cerebrais obtidas pela via tecnológica. Trabalha em conjunto com o Instituto do Cérebro e da Criatividade com o intuito de conhecer as bases do comportamento social: o julgamento moral, a comunicação de decisões, o desenvolvimento cognitivo das crianças, a consciência e os processos criativos na arte, na ciência e na tecnologia. Recebeu o Prémio Pessoa em 1992 e faz parte da Academia Americana de Arte e ciências e da Associação Neurológica Americana. Partilhou, em 2003, o prémio Signoret com o marido, António Damásio, pelo estudo pioneiro sobre a cognição social.



Alfred Brendel

Pianista austríaco de origem checa, é um dos mais importantes artistas do século XX. Para além de tocar, dedica-se também à pintura, à literatura e à poesia. A sua relação com a sétima arte começa cedo quando o pai assume a direcção de um cinema em Zagreb. Foi nesta cidade que teve a sua primeira aula de piano, aos seis anos de idade, e o primeiro contacto com a música. Até aos dezasseis anos trocou de professor várias vezes por causa das constantes deslocações da família. Viria a dar por terminado o ensino oficial de música para se dedicar à exploração auto-didacta do piano. Essa relação tardia e sem norma ou orientação é vista por Brendel como uma vantagem. “Os professores podem ter demasiada influência. Ao ser auto-didacta, aprendi a desconfiar de tudo o que não tivesse sido descoberto por mim”, conta na sua biografia. O mais valioso para o pianista é aprofundar o conhecimento de outros artistas e das suas obras. É admirador confesso do suíço Edwin Fischer, de Alfred Cortot e Wilhelm Kempff. Foi o segundo pianista a interpretar as sonatas completas de Beethoven, quarenta anos depois de Artur Schnabel, e um dos poucos a gravar todos os concertos para piano de Mozart. Conta também no seu repertório com interpretações de obras de Bach, Haydn, Weber, Schuman, Liszt ou Brahms. Fascinado pelo grotesco e pelo fantástico, coleciona parafernália kitsch, máscaras primitivas e gralhas de jornais. Vê o humor como um sublime invertido e rir é o seu passatempo favorito. Em 1984, deu uma palestra na Universidade de Cambridge intitulada “A música clássica tem mesmo de ser séria?”. Não é de admirar que tenha escrito dois livros de “poesia absurda” com nomes curiosos: *One Finger too Many* e *Cursing Bagels*. Recebeu inúmeros prémios de música e é membro honorário da prestigiada Filarmónica de Viena.



Prémios atribuídos pelo Lisbon & Estoril Film Festival:

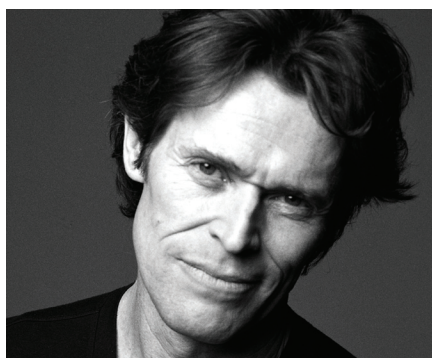
- Prémio Melhor Filme/ Jaeger le Coultre
- Prémio Especial do Júri - João Bénard da Costa
- Prémio Cineuropa
- Prémio Melhor 1ª obra / Jameson

Troféu do festival criado pela Fundação Ricardo Espírito Santo Silva



Fanny Ardant

Actriz francesa, começou a carreira cinematográfica nos anos 70 ganhando notoriedade na década seguinte pela interpretação no filme *A mulher do lado*, em que contracenava com Gérard Depardieu. O filme viria a influenciar a sua vida profissional mas também pessoal pois marcou o início da relação com o autor da película, François Truffaut. A interpretação valeu-lhe, também, a primeira nomeação para os Césares. Versátil, fluente em inglês e italiano, Ardant rapidamente se deu a conhecer fora do mundo francófono ao participar em produções britânicas, americanas e italianas. Para além das nuvens, de Michelangelo Antonioni colocou-a ao lado de Marcello Mastroianni e Claudia Cardinale na sua estreia na representação em Itália. Trabalhou com alguns dos realizadores mais proeminentes do século XX como Alain Resnais, Agnès Varda, Sydney Pollack e Ettore Scola e foi nomeada para os Césares de Melhor Actriz pelos filmes: *A Mulher do Lado* (1982), *Vivement Dimanche* (1984), *8 Mulheres* (2002), tendo ganho o prémio apenas uma vez com a comédia *Pédale Douce* (1997) de Gabriel Aghion, no qual interpretava Eva, uma mulher envolvida num triângulo amoroso por se fazer passar por namorada do seu melhor amigo homossexual. Em 2009, estreou-se na realização com *Cinzas e Sangue*, produzido por Paulo Branco. Para além da filmagem, dirigiu a fotografia e escreveu o argumento sobre a história de uma mulher viúva exilada que regressa ao seu país com os filhos para o casamento da cunhada. O filme, que aborda temas como a vingança e a tradição, foi muito elogiado pela crítica mundial, sobretudo a francesa, tendo sido seleccionado para o Festival de Cinema de Cannes na categoria Fora de Competição.



Willem Dafoe

Willem Dafoe é um actor americano que está habituado a ser o mau da fita. Alterna esses papéis com outros menos previsíveis, como dar a voz a um peixe em *À Procura de Nemo*, a um rato em *O Fantástico Mr. Fox*, ao vilão de um jogo de vídeo do James Bond ou a um urso polar num anúncio para ervilhas congeladas. Já foi Cristo (*A Última Paixão de Cristo*, de Martin Scorsese) e o Anticristo (do filme homónimo de Lars Von Trier). Vampiro, soldado ou duende verde. Multifacetado, cria e recria personagens sombrias mas cativantes. Esteve nomeado para o Óscar da Academia por duas vezes como melhor actor secundário por *Platoon* (1986) e *A sombra do Vampiro* (2000). O primeiro filme em que participou foi *Heaven's Gate* de Michael Cimino. Infelizmente o seu papel viria a desaparecer na edição e montagem do filme. Depois dessa experiência mal sucedida trabalhou com William Friedkin (*To Live and Die in L. A.*), iniciando aqui a sua longa lista de personagens arditos. Para além do cinema tem uma reputação invejável como actor de teatro, tendo fundado a companhia de teatro experimental The Wooster Group, da qual viria a sair mais tarde. Arrojado e irreverente, participou no evento artístico-teatral da década: a ópera *A Vida e a Morte de Marina Abramovic* dedicada à mãe das artes performativas que além do actor, contou com a representação da própria artista e do músico Antony Hegarty, do grupo Antony and The Johnsons.



Sonia Wieder-Atherton

Na sua biografia, Sonia Wieder-Atherton descreve-se como uma designer de projectos. O público conhece-a como violoncelista cujo reportório inventivo reflecte a sua maneira criativa de ver o mundo. Toca com as principais Orquestras Mundiais, entre as quais a Orquestra de Paris, a Orquestra Nacional de França, a Orquestra Nacional Belga, a Filarmónica de Israel ou a Orquestra Gulbenkian de Lisboa. Artista completa, trata da concepção do espaço e do conteúdo da performance sempre que actua, quer seja em festivais ou eventos mais ou menos solenes. Estudou no Conservatório Nacional de Paris sob a orientação de Maurice Gendron e, depois de várias masterclasses com Mstislav Rostropovitch, partiu para Moscovo, mais concretamente para o Conservatório Tchaikovsky, para estudar com Natália Shakhovskaya. Fundou recentemente a Niguna Ensemble com quem toca várias criações suas. A reedição de Canções Judaicas para piano e violoncelo, deu-nos a conhecer o talento de Sonia para a escrita, com 14 textos a interligarem-se com a música. Em 1999, recebeu o Grand Prix Del Duca da Academia de Belas-Artes Francesa e em 2011 o Prémio de Arte da Fundação Bernheim, um galardão que reconhece os trabalhos inovadores em três categorias: arte, humanidades e ciência. Sonia Wider-Atherton pediu à realizadora belga Chantal Akerman permissão para dar um recital, juntamente com o pianista Laurent Cabasso, em conjunto com a projecção de imagens do filme *D'Est* (1993). Chantal não só autorizou como filmou a performance que teve lugar na Cité de la Musique, em Paris. Integrada na programação do Lisbon & Estoril Film Festival, Sonia acompanhará ao violoncelo a actriz Fanny Ardant na leitura de *O Navio Night*, um texto de Marguerite Duras sobre a solidão de dois jovens que nunca se encontram.